

# Instrumentos internacionais de práticas parentais utilizados no Brasil: Uma revisão de literatura

Paula Inez Cunha Gomide

Fernanda Otoni

## RESUMO

As estratégias aplicadas pelos pais para educar seus filhos são denominadas de práticas parentais. Apesar de existir instrumentos construídos e validados para avaliar essas práticas na população brasileira, alguns autores optam pela adaptação de testes estrangeiros. Assim, objetivou-se identificar quais instrumentos internacionais são utilizados para avaliar esse tema em pesquisas nacionais e verificar suas propriedades psicométricas. Nos 55 artigos encontrados, foram encontrados oito instrumentos que apresentaram índices de confiabilidade satisfatórios, mas nem todos descreveram o processo de adaptação. Os instrumentos foram adaptados para avaliar práticas parentais positivas: cuidado, disciplina positiva, exigência, monitoramento, entre outras e práticas negativas: abuso físico, agressão psicológica, autoritarismo, controle e desapego. Houve uma maior incidência de estudos que acumularam evidências de validades baseadas na relação com outras variáveis, sobretudo, para a EREP. De modo geral, identificou-se uma ausência de informações referentes ao processo de adaptação e validação dos instrumentos para população brasileira.

*Palavras-chave:* Práticas parentais; Instrumentos; Avaliação; Estilos Parentais.

## ABSTRACT

### International instruments of parenting practices used in Brazil: A literature review

The strategies applied by parents to educate their children are indications of parental practices. Although there are instruments built and validated to evaluate these practices in the Brazilian population, some authors choose to adapt foreign tests. Thus, the objective was to identify which international instruments are used to evaluate this topic in national research and verify their psychometric properties. In the 55 articles found, eight instruments were found that presented reliable reliability indices, but not all of them described the adaptation process. The instruments were adapted to evaluate positive parental practices: care, positive discipline, demands, monitoring, among others, and negative practices: physical abuse, psychological aggression, authoritarianism, control, and detachment. There was a greater incidence of studies that accumulated evidence of validity based on the relationship with other variables, especially for EREP. In general, there is a lack of information regarding the process of adapting and validating the instruments for the Brazilian population.

*Keywords:* Parenting practices; Instruments; Evaluation; Parenting styles.

## Sobre os Autores

P. I. C. G.  
orcid.org/0000-0003-3361-8993  
Universidade Tuiuti do Paraná  
(UTP) – Curitiba, PR  
paulainezgomide@gmail.com

F. O.  
orcid.org/0000-0002-9347-7144  
Universidade Tuiuti do Paraná  
(UTP) – Curitiba, PR  
fer\_ottoni@hotmail.com

## Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



Diferentes modelos teóricos de estudo de práticas e estilos parentais foram desenvolvidos nas últimas seis décadas (Baumrind, 1966; Darling & Steinberg, 1993; Hoffman, 1975; MacCoby & Martin, 1983). Baumrind (1966) apresentou um primeiro modelo classificatório de estilos parentais, consistindo em três estilos, denominados autoritativo, autoritário e permissivo. Os pais autoritativos são os que instruem seus filhos quanto a seu comportamento e atividades de modo coerente. São cooperativos, democráticos, dão afeto e, ao mesmo tempo, tem um bom controle sobre o comportamento dos filhos. Os pais autoritários, se caracterizariam por estabelecer regras de conduta comportamental que, em geral, são totalitárias, eles prezam a obediência e não evitam o uso de restrições físicas ou de privilégios. Os pais permissivos evitam punir o comportamento de seus filhos e atendem, de maneira excessiva, os pedidos da criança.

Alguns anos mais tarde, MacCoby e Martin (1983) sugeriram uma subdivisão do estilo permissivo em indulgente e negligente. Segundo os autores, pais com estilo indulgente são tolerantes, proporcionam muito envolvimento afetivo, mas, em contraponto, exercem uma baixa monitoração e pouco controle parental. E os negligentes mostram-se mais direcionados à resolução de seus próprios problemas, não se engajam com seus encargos parentais, não são responsivos e nem exigentes.

Hoffman (1975), por sua vez, classificou as práticas parentais em indutivas e coercitivas. Nas estratégias indutivas os pais apontam para o filho as consequências do seu comportamento na relação com o ambiente e com as outras pessoas. As estratégias coercitivas incluem atitudes disciplinares com punição para modificação de comportamentos indesejáveis. A estratégia parental utilizada pelos responsáveis pode colaborar para o aumento ou diminuição da autonomia e autorregulação comportamental e emocional do indivíduo.

Para entender os efeitos da parentalidade e a relação com o desenvolvimento da criança, Darling e Steinberg (1993) elaboraram um modelo em que os estilos parentais são considerados como um conjunto de práticas educativas que representam uma cultura parental ou clima emocional predominante na relação entre pais e filhos. Entretanto, para se entender como os componentes do estilo parental influenciam o desenvolvimento da criança, é necessário compreender as relações familiares, a cultura, a classe social, bem como as metas que os pais estabelecem para seus filhos.

Apesar dos modelos teóricos apresentarem nomenclaturas diferentes em relação aos estilos e práticas parentais, todos eles baseiam-se em dois conjuntos de comportamentos ou práticas parentais: as práticas positivas e as negativas. O conjunto de práticas positivas,

caracterizado por comportamentos relacionados a comportamentos mais afetivos, por exemplo, expressões de afeto, cuidado e atenção, denominadas de cuidado, disciplina positiva, exigência, monitoramento, práticas autoritativas, responsividade, suporte emocional, entre outras. E o conjunto de práticas negativas, que se reporta às atitudes coercitivas, por exemplo, ameaças, gritos, punições físicas e a retirada de privilégios, denominadas como abuso físico, agressão psicológica, autoritarismo, controle, desapego, rejeição, permissividade, superproteção, entre outros. Quando associados a diferentes grupos de práticas parentais positivas ou negativas, obtém-se conjuntos que podem ser nomeados de perfis ou estilos parentais (Costa et al., 2000; Galindo & Carvalho, 2018; Gomide & Traple, 2022; Kobarg et al., 2010; Oliveira et al., 2000).

Por apresentar diferentes modelos teóricos para caracterizar e explicar o conjunto complexo de práticas parentais que podem interferir de forma positiva ou negativa nas relações familiares, houve um avanço dos estudos nesta temática (Macarini et al., 2010; Rocha & Gurgel, 2018). O que também contribuiu para o desenvolvimento de diversos instrumentos para a avaliação nesta área. O estudo de revisão da literatura realizado por Gomide e Traple (2022) identificou um total de seis instrumentos para a avaliação das práticas parentais desenvolvido e validado especificamente para o contexto brasileiro. Segundo os autores, grande parte desses instrumentos apresentaram adequadas propriedades psicométricas, com maior incidência de acúmulo de evidências de validade para o Inventário de Estilos Parentais (IEP) e para a Escala de Qualidade na Interação Familiar (EQIF). A respeito, é importante ressaltar que a compreensão da influência de práticas parentais e estilos parentais requer o uso de ferramentas que auxiliem o estabelecimento de medidas padronizadas.

Nesse sentido, uma área significativa para o avanço da prática e da ciência psicológica é a adaptação de ferramentas de avaliação psicológica. A maioria dos instrumentos utilizados na investigação clínica e científica em psicologia no Brasil são estrangeiros, o que leva à adaptação transcultural de instrumentos analíticos em detrimento da sua construção (Cassep-Borges et al., 2010; Werlang et al., 2010). Isso não é uma limitação ou um problema da área, desde que os pesquisadores sigam as diretrizes da *International Test Commission* (ITC, 2017) que propuseram práticas que devem ser seguidas na adaptação de instrumentos em diferentes contextos culturais. Dentre essas práticas encontram-se também a busca por evidências de validade baseadas no conteúdo, na estrutura-interna e na relação com outras variáveis, cujo propósito é estabelecer medidas confiáveis, fidedignas e padronizadas, para garantir a coerência dos resultados para uso na população nacional. Nessa perspectiva, esta revisão sistematizada teve como

objetivo identificar quais instrumentos internacionais de práticas e estilos parentais têm sido utilizados por pesquisadores brasileiros em pesquisas nacionais, bem como verificar as características de adaptação desses instrumentos e as propriedades psicométricas apresentadas pelos autores.

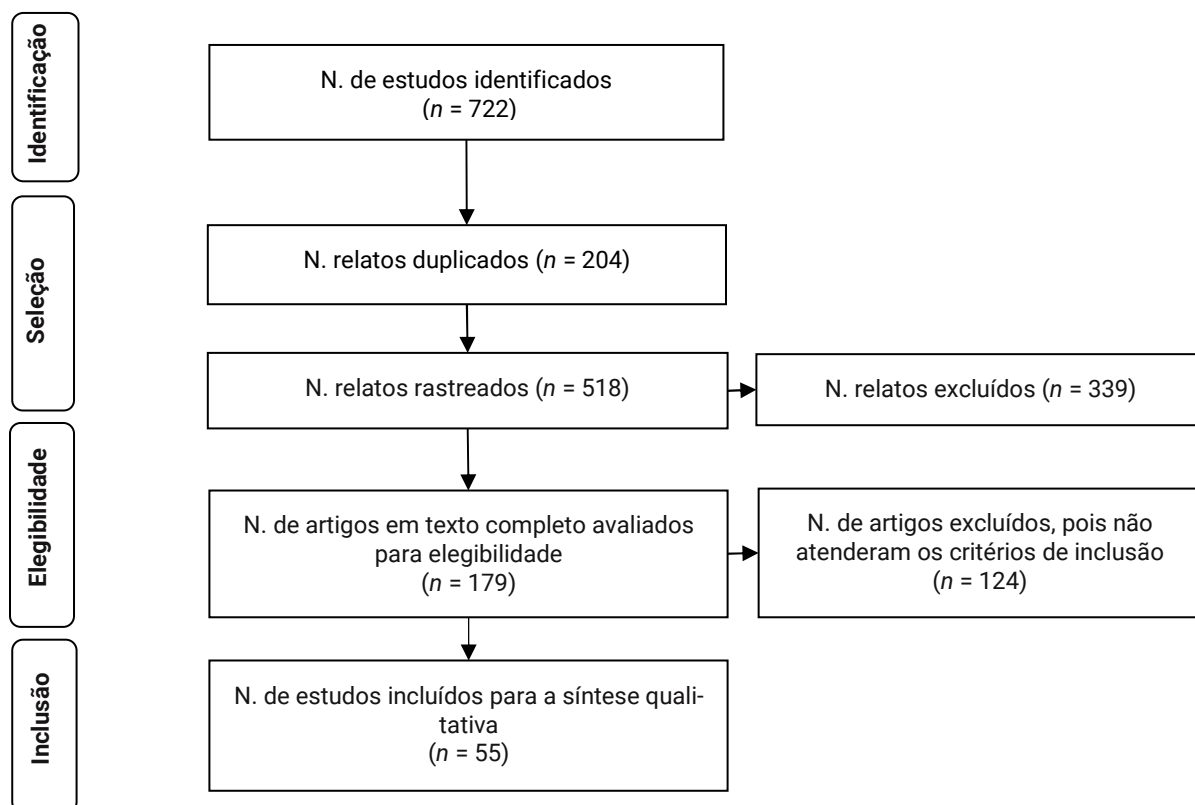
## MÉTODO

O presente estudo enquadra-se na modalidade de revisão sistematizada, uma vez que pressupõe uma sistematização do processo de coleta dos dados para apresentar um panorama geral sobre a produção científica acerca de determinado assunto. Esse tipo de revisão não tem a pretensão de avaliar os riscos de vieses dos estudos, mas sim de identificar limitações metodológicas (Grant & Booth, 2009). Nesse caso, seria o processo de adaptação transcultural dos instrumentos que avaliam práticas parentais.

Para a estratégia de busca foram utilizadas as palavras chaves "Práticas parentais" OR "Práticas educativas parentais" OR "Habilidades parentais" OR "Estilos parentais" nas seguintes bases Literatura Latino-Americana e do Caribe

em Ciências da Saúde (LILACS), Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación - e Avaliação Psicológica (Redalyc), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Scientific Electronic Library (SciELO). Não se delimitou os anos de publicação dos artigos pesquisados. A coleta de dados ocorreu entre o período de 01/10/2020 e 31/10/2020. Como critérios de elegibilidade, adotou-se para inclusão: artigos quantitativos, que fossem desenvolvidos por pesquisadores brasileiros com amostras brasileiras, estudos que fizeram uso de instrumentos internacionais para mensurar práticas parentais e, ao menos dois artigos publicados com o instrumento internacional citado. Para etapa de seleção e extração das informações, inicialmente os pesquisadores avaliaram todos os registros, retiraram as duplicatas e após esse procedimento selecionaram artigos a partir das leituras dos títulos e resumos (Figura 1). Obtiveram-se 55 estudos que utilizaram instrumentos internacionais de práticas e estilos parentais (escalas ou inventários) utilizados com a população brasileira. Após a leitura completa desses artigos, foram descritos, para cada instrumento, autores de adaptação e validação do instrumento, número de artigos publicados com instrumento, descrição dos itens e fatores, os indicadores de confiabilidade do instrumento.

Figura 1. Fluxograma de PRISMA dos artigos encontrados



**RESULTADOS**

Dentre os 55 artigos encontrados, foram citados oito instrumentos internacionais de práticas e estilos parentais traduzidos para a população brasileira. A Tabela 1 apresenta o autor da escala original, os autores que realizaram a adaptação e validação do instrumento, o processo descrito por eles e o número de estudos em que os instrumentos foram citados. São eles: 1) *Escala de Responsividade e*

*Exigência Parental* (EREP); 2) *Child Rearing Practices Report* (CRPR) (Relatório de Práticas de Educação Infantil); 3) *Parental Authority Questionnaire* (PAQ); 4) *Own Memories of Childrearing Experiences* (EMBU); 5) *Escala de Socialización Parental en la Adolescencia* (ESPA29); 6) *Parenting Style and Dimension Questionnaire – Short Version* (PSDQ); 7) *Cultural Models and Childrearing Beliefs – (E-CPPC)*; 8) *Parent Perception Inventory* (PPI).

**Tabela 1. Instrumentos internacionais de práticas e estilos parentais traduzidos e adaptados para a população brasileira**

Instrumento	Autor	Adaptação	Propriedades Psicométricas	% de estudos com o instrumento
Escala de Responsividade e Exigência Parental – EREP	Lamborn et al. (1991)	Costa et al., (2000) Teixeira et al. (2004)	Evidências de validade baseada no conteúdo e na estrutura interna	33 (62,3%)
<i>Child Rearing Practices Report</i> - CRPR	Block (1981)	Minetto et al., (2013) Nunes et al. (2013)	Tradução, backtranslation, adaptação semântica e índices de Cronbach.	7 (13,2%)
<i>Parental Attitude Research Instrument</i> - PARI	Schaeffer & Bell (1958)	Nogueira (1988) Oliveira et al. (2000)	Tradução, índices de Cronbach e teste-reteste.	4 (7,5%)
<i>Parent Perception Inventory</i> – PPI	Hazzard et al. (1983)	Galindo & Carvalho (2018)	Análise Fatorial Confirmatória e índices de Cronbach.	3 (5,6%)
<i>Parental Authority Questionnaire</i> - PAQ	Buri (1991)	Boeckel & Sarriera (2005)	Tradução, avaliação de juízes, análise de conteúdo, estudo piloto e índices de Cronbach.	2 (3,7%)
<i>Own Memories of Childrearing Experiences</i> – EMBU	Perris et al. (1980)	Kobarg et al. (2010)	Tradução e índices de Cronbach	2 (3,7%)
<i>Escala de Socialización Parental en la Adolescencia</i> - ESPA29	Musitu & García (2001)	Martínez et al. (2011)	Tradução, backtranslation, avaliação de juízes, análise de conteúdo e índices de Cronbach.	2 (3,7%)
<i>Parenting Style and Dimension Questionnaire – Short Version</i> - PSDQ	Robinson et al. (2001)	Oliveira et al. (2018)	Tradução, backtranslation, avaliação de juízes, análise de conteúdo e índices de Cronbach.	2 (3,7%)

As *Escalas de Responsividade e Exigência Parental (EREP)* construídas originalmente por Lamborn et al. (1991), utilizam o modelo de MacCoby e Martin (1983) e foi adaptada para o português por Costa et al., (2000), revisada por Teixeira et al., (2004), ampliada por Teixeira et al., (2006) e denominada de *Escalas de Práticas Parentais*. A EREP tem duas subescalas: Escala de Exigência e de Responsividade, contendo 24 itens que podem ser classificados a partir de quatro chaves de resposta que variam entre quase nunca ou bem pouco e geralmente ou bastante. Os filhos respondem com que frequência os seus pais manifestam os comportamentos descritos. A dimensão responsividade refere-se às atitudes para o desenvolvimento da autonomia e da autoafirmação. A dimensão exigência se caracteriza pela supervisão/monitoramento, estabelecimento de expectativas de desempenho, cobrança e da disciplina consistente e contingente. Os índices de consistência interna (alpha de Cronbach) obtidos para as escalas de responsividade e exigência no estudo de adaptação do instrumento foram, respectivamente, 0,81 e 0,90 o que sugere adequada confiabilidade dos itens para avaliar as práticas parentais.

A EREP foi citada em 33 artigos que contribuíram significativamente para um acúmulo de evidências de validade indicando sua adequação para avaliar estilos parentais e se relacionar com diferentes construtos como abuso de substâncias, comportamentos ansiógenos, humor deprimido, orientação vocacional, bem como capacidade para direcionar práticas educativas nas relações familiares (Ambiel et al., 2019; Barbosa et al., 2017; Benchaya et al., 2011; Bermudez et al., 2014; Dias & Weber, 2018; Domingues et al., 2011; Fonsêca et al., 2014; Hutz & Bardagir, 2006; Magalhães et al., 2012; Mayer et al., 2014; Mosmann et al., 2017; Murgo et al., 2018; Noronha & Batista, 2017; Pacheco et al., 1999; Pacheco et al., 2008; Patias et al., 2018; Pereira et al., 2017; Reichert & Wagner, 2007; Reppold & Hutz, 2003; Rinhel-Silva et al., 2012; Ruzzi-Pereira & Santos, 2012; Tatsch et al., 2003; Teixeira & Lopes, 2005; Terres-Trindade & Mosmann, 2015, 2016; Tondowski et al., 2015; Ventura & Noronha, 2014; Weber & Ton, 2011; Weber, 2017; Weber et al., 2003a; Weber et al., 2003b; Weber et al., 2004).

O *Child Rearing Practices Report (CRPR)* (Block et al., 1981) foi traduzido e adaptado para população brasileira por Minetto et al., (2013). Este instrumento avalia dois perfis: o autoritário e o autoritativo. O Perfil Autoritário, avalia comandos diretos, imposições físicas, repreensões e proibições, a supervisão da criança, indução e controle da ansiedade. O Perfil Autoritativo avalia a orientação consistente, com sugestões e incentivo positivo, a estimulação e encorajamento à autonomia e a liberdade e expressão de afeto. O instrumento apresenta 35 itens que são respondidos pelos pais e cuidadores. Apesar dos autores indicarem que o instrumento passou por uma pré-validação,

por meio de tradução, backtranslation, adaptação semântica e índices de Cronbach, eles não reportam os resultados psicométricos desse processo. Baseados nessa versão foram desenvolvidos três estudos a fim de investigar práticas educativas e estresse parental com e sem desenvolvimento atípico, crenças e práticas educativas de mães de crianças atípicas, além de investigar a relação entre práticas parentais educativas com a autonomia e expressão de afeto (Minetto et al., 2012; Minetto et al., 2013; Minetto & Cruz, 2018).

A CRPR-Q apresenta uma versão que foi modificada em 1982 por Rickel e Biasati (1982). No Brasil, Nunes et al. (2013a) fizeram uma tradução desta escala e por meio da análise fatorial exploratória a versão final foi composta por 45 itens, com chave de resposta do tipo Likert de seis pontos, que se distribuíram nos fatores de rejeição ( $\alpha = 0,69$ ), controle comportamental ( $\alpha = 0,70$ ) e controle psicológico ( $\alpha = 0,69$ ). Além dos estudos de tradução, foram encontradas mais três pesquisas que investigaram a relação do vínculo de apego e das práticas parentais com problemas externalizantes e internalizantes, bem como o papel do mediador na formação de vínculos de apego e as relações entre afeto parental com habilidades sociais e competência acadêmica (Martins et al., 2014; Nunes et al., 2013b; Nunes et al., 2015).

O *Parental Attitude Research Instrument (PARI)* (Schaeffer & Bell, 1958) foi traduzido para o português em 1988 por Nogueira (1988) e adaptado, posteriormente, por Oliveira et al. (2000). A escala contém 15 itens, é respondida pelos pais e cuidadores por meio de uma escala do tipo Likert de cinco pontos e está organizada em três fatores: irritabilidade ( $\alpha = 0,60$ ), rejeição ( $\alpha = 0,69$ ) e intrusão ( $\alpha = 0,78$ ). Tanto o estudo de tradução quanto de adaptação da PARI apresentaram evidências de validade baseada na estrutura interna por meio do alfa de Cronbach, com valores adequados. A escala foi citada em mais duas pesquisas, uma investigou estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização, outra buscou por evidências de validade convergente para a adaptação brasileira do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Version - PSDQ* (Oliveira et al., 2002; Oliveira et al., 2018).

O *Parent Perception Inventory (PPI)* (Hazzard et al., 1983) foi validado no Brasil por Galindo e Carvalho (2018). Por meio de 18 itens, esse instrumento avalia práticas parentais positivas (comportamentos de cuidado, elogios, envolvimento da criança na tomada de decisões, estabelecimento de diálogos, expressões de afeto, reforço positivo e tempo de interação entre pais e filhos) e negativas (fazer críticas, gritar, ignorar, irritar, negligência, punição física, remoção de privilégio e uso de ameaça). O inventário é respondido pelos pais. Os índices de confiabilidade do instrumento são adequados (Práticas parentais positivas maternas  $\alpha = 0,84$ ; Práticas parentais positivas paternas  $\alpha = 0,88$ ; Práticas

parentais negativas maternas  $\alpha = 0,78$ ; Práticas parentais negativas paternas  $\alpha = 0,80$ ). Os autores não mencionam como foi o processo de adaptação do instrumento e partem do princípio de que a análise fatorial exploratória realizada em outros estudos era suficiente, por isso, prosseguiram com a confirmatória e avaliaram os índices de ajustes que apresentaram valores adequados. A escala foi citada por Souza e Crepaldi (2019) para descrever o funcionamento familiar, o relacionamento conjugal e a coparentalidade nas famílias, bem como para identificar a relação entre essas variáveis com problemas comportamentais e emocionais de crianças.

O *Parental Authority Questionnaire* (PAQ) (Buri, 1991) foi traduzido para o português por Boeckel e Sarriera (2005) e pode ser respondida tanto pelos pais quanto pelos professores. O processo de tradução foi desenvolvido por quatro juízes, cujo coeficiente kappa de Cohen foi de 0,75. O estudo piloto foi realizado com estudantes que responderam a 30 itens do tipo Likert de cinco pontos. A análise fatorial indicou três fatores com adequados índices, a saber, permissivo ( $\alpha = 0,85$ ) autoritário ( $\alpha = 0,88$ ) e autorizante ( $\alpha = 0,89$ ). No ano seguinte à adaptação da escala, as autoras realizaram um estudo a fim de investigar as relações entre estilos parentais com atribucionais e bem-estar psicológico em universitários (Boeckel & Sarriera, 2006).

O *Own Memories of Childrearing Experiences* (EMBU) (Perris et al., 1980) foi validada para o Brasil por Kobarg et al. (2010) a partir da versão portuguesa de Canavarro (1996). O instrumento, por meio de 23 itens que são respondidos em uma escala de quatro pontos para cada um dos pais, avalia as lembranças dos filhos sobre as práticas de criação durante a sua infância e adolescência. A escala abrange três dimensões: suporte emocional, rejeição e superproteção, cujo índice de fidedignidade foi com  $\alpha = 0,78$ . Mizoguchi et al. (2013) utilizaram essa escala adaptada para verificar a relação entre estilo parental, motivação e nível de satisfação em atletas de beisebol.

A *Escala de Socialización Parental en la Adolescencia* (ESPA29) (Musitu & García, 2001) foi traduzida e adaptada para o Brasil por Martinez et al. (2011). Os filhos respondem, com que frequência o pai e a mãe empregam as práticas disciplinares possíveis para cada contexto. Os pais são classificados nos quatro tipos de socialização parental – autoritativo, indulgente, autoritário ou negligente. A escala é composta por dois fatores, obediência às normas familiares e situações de indisciplina, que se distribuem em 232 itens respondidos em uma escala Likert de quatro pontos. As dimensões dos fatores apresentaram índices de alfa de Cronbach adequados: Aceitação/Implicação  $\alpha = 0,97$ ; Severidade/Imposição  $\alpha = 0,96$ ; Afeto  $\alpha = 0,96$ ; Indiferença  $\alpha = 0,95$ ; Diálogo  $\alpha = 0,95$ ; Displícência  $\alpha = 0,90$ ; Coerção verbal  $\alpha = 0,94$ ; Coerção física  $\alpha = 0,93$  e; Privação  $\alpha = 0,96$ . A ESPA29

também foi citada no artigo de Moraes et al. (2007) que analisaram as relações entre as práticas parentais de socialização e os valores de adolescentes.

O *Parenting Style and Dimension Questionnaire – Short Version* (PSDQ) (Robinson et al., 2001) foi validado para o Brasil por Oliveira et al. (2018). A versão curta do PSDQ consiste em 32 itens que são classificados em uma escala Likert de cinco pontos. A escala avalia três estilos parentais e sete dimensões: estilo autoritativo (suporte e afeto, regulação e autonomia), estilo autoritário (coerção física, hostilidade verbal e punição) e estilo permissivo (indulgente). No estudo de adaptação, os autores apresentaram evidências de validade baseada na estrutura interna ( $\alpha = 0,97$ ) e validade convergente com o Inventário de Estilos Parentais (IEP), instrumento construído e validado especificamente para a população brasileira. Böing e Crepaldi (2016) utilizaram a escala para compreender o interjogo das relações parentais e co-parentais na relação entre pais e filhos.

De modo geral, os instrumentos encontrados nesta revisão utilizaram diferentes modelos teóricos para embasar a teoria de práticas parentais, a grande maioria buscou mensurar os comportamentos parentais positivos e os negativos utilizados na educação dos filhos (Baumrind, 1966; Darling & Steinberg, 1993; Hoffman, 1975; Maccoby & Martin, 1983). Dentre os instrumentos descritos cinco (EREP, CRPR, PAQ, ESPA29, PSDQ) utilizaram classificações de perfis ou estilos parentais com as seguintes nomenclaturas: perfil autoritário, perfil autoritativo, estilo permissivo, perfil democrático, perfil indulgente, perfil negligente, perfil cooperativo, estilo de cuidado ótimo, estilo de controle afetivo e estilo de controle sem afeto. Os estilos autoritários, autoritativo, permissivo, indulgente e negligente foram apresentados em mais de um instrumento.

Ademais, cinco instrumentos foram desenvolvidos para serem aplicados em pais ou cuidadores (CRPR, EREP, PARI, PPI e PSDQ), enquanto EMBU, ESPA29 e PAQ são respondidos pelos filhos. Embora os instrumentos relatados cobrissem diferentes faixas etárias em suas amostras (de bebês a adolescentes e jovens adultos), não houve informação apropriada sobre as faixas etárias para a qual os instrumentos foram elaborados. Nesse sentido, em publicações futuras os estudos que usam os instrumentos devem investigar qual a faixa estaria mais apropriada para seu uso.

## DISCUSSÃO

Os resultados indicaram que nem todos os artigos apresentam dados ou informações de como foi realizado o processo de adaptação transcultural e validação dos instrumentos. Borsa et al. (2012) sugerem que a condução desses estudos devem seguir algumas etapas: 1) inicia-se

pela realização de duas traduções do instrumento original, seguido pela síntese das traduções; 2) a síntese deve ser avaliada por um grupo de especialistas na área de avaliação do instrumento; 3) deve-se verificar a compreensão do instrumento pelo seu público-alvo; 4) o instrumento deve ser traduzido para a língua original (retro tradução) e apresentado para o autor do instrumento para sua avaliação; 5) realiza-se um estudo piloto. A grande maioria dos instrumentos foi traduzida pelos próprios pesquisadores, que analisaram o grau de equivalência semântica entre a versão original e a adaptada.

Apesar de não haver um consenso sobre como adaptar um instrumento para uso em outro contexto (Cassep-Borges et al., 2010), ressalta-se que apenas a tradução idiomática não garante a validade de construto, tampouco a confiabilidade da medida (Borsa et al., 2012). No entanto, os pesquisadores apresentaram o índice de consistência interna do alfa de Cronbach, sugerindo que tais valores sendo adequados. Os valores superiores a 0,70 são satisfatórios para representar o grau de correlação entre os itens e garantir que estão vinculados entre si na aferição do mesmo construto (Bonett & Wright, 2015).

Posteriormente, a construção ou adaptação de um instrumento transcultural é necessário um esforço entre os pesquisadores para conferir a validade ao teste. Nesse sentido, o acúmulo de evidências de validade é que dá sentido às inferências e demonstra sua utilidade para representar e avaliar o construto a que se destina. Nesse estudo, verificou-se que a EREP foi utilizada em 33 artigos, a CRPR em sete, a PARI em quatro e a PPI em três artigos, os demais foram citados em apenas dois estudos. Destarte, é possível considerar que dos instrumentos adaptados para a população brasileira a EREP e a CRPR apresentam uma maior gama de estudos que fomentam sua pertinência e adequação para a avaliação das práticas parentais. Identificou-se também que na maioria dos estudos, os pesquisadores utilizaram os instrumentos adaptados para conferir evidências de validade baseada na relação com diversas variáveis como, por exemplo, autonomia (Barbosa et al., 2017; Minetto & Cruz 2018; Reichert & Wagner, 2007), depressão (Hutz & Bardagir, 2006; Reppold & Hutz, 2003; Weber, 2017), escolha/indecisão profissional (Ambiel et al., 2019; Hutz & Bardagir, 2006; Magalhães, et al., 2012; Murgo et al., 2018; Ventura & Noronha, 2014), habilidades sociais (Martins et al., 2014; Pacheco et al., 1999), entre outros.

Os modelos teóricos dos instrumentos buscaram avaliar diferentes formas de práticas parentais que são classificadas em positivas e negativas. As positivas referiam-se a aceitação da autonomia da criança, aceitação da criança como pessoa, afetividade e estabilidade emocional, afeto, apoio emocional, atenção centrada na criança, cobrança de responsabilidade, controle positivo da disciplina, cuidado,

democracia-igualitarismo, diálogo, disciplina, divisão da tomada de decisões com a criança, envolvimento positivo com a criança, estimulação, exigência, incentivo à autonomia, manutenção da disciplina de forma consistente, práticas parentais de disciplina indutiva, responsividade, sensibilidade para sentimentos da criança, supervisão do comportamento, suporte apropriado, suporte emocional e vínculo (Kobarg et al., 2010; Lamborn et al., 1991; Martinez et al. 2011; Schaeffer & Bell, 1958; Teixeira et al., 2006).

As práticas negativas mediram o autoritarismo-controle, coerção física, coerção verbal, controle por meio da ansiedade, controle por meio da autoridade, controle por meio da culpa, controle crítico, controle punitivo, controle, desapego, desconexão e rejeição, displicência, evitação da relação, hostilidade-rejeição, inconsistente manutenção da disciplina, indiferença, intromissão, intrusividade, limites prejudicados, práticas parentais de disciplinas autoritárias e punitivas, privação, rejeição, relaxamento do controle da disciplina, super vigilância e direcionamento para o outro, superproteção e autonomia prejudicada (Galindo & Carvalho, 2018; Martinez et al., 2006; Nunes et al., 2013; Perris et al., 1980; Teixeira et al. 2006).

Conforme demonstrado por Gomide e Traple (2022) existem instrumentos brasileiros com adequadas evidências de validade empírica para a avaliação de práticas parentais. Entretanto, alguns autores têm preferência por utilizar instrumentos estrangeiros para compreender as semelhanças e características culturalmente comuns sobre determinados temas. Como mencionado anteriormente isso não é um problema, mas é preciso reconhecer que instrumentos mal adaptados podem influenciar nos resultados dos estudos conduzidos e gerar dados inconsistentes e pouco precisos. Assim, a descrição do processo de adaptação dos instrumentos deve ser pormenorizada a fim de fornecer subsídios teóricos e práticos para o pesquisador na escolha dos materiais que serão utilizados em sua pesquisa. Também que cabe alertar que a escolha por instrumentos já validados para uma população deveria ser a primeira opção, uma vez que foi construído considerando as características culturais e relacionais da população nacional.

## CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Ambas as autoras colaboraram igualmente para a concepção do artigo. Ainda, a primeira autora exerceu o papel de orientadora acadêmica da segunda autora.

## AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem a Ricardo Traple pelo apoio na coleta de dados.

## DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

As autoras declaram que não há conflitos de interesse.

## REFERÊNCIAS

- Ambiel, R. A. M., Ferraz, A. S., Simões, N., Silva, J., & Pereira, E. (2019). Predição da definição da escolha vocacional a partir de variáveis familiares. *Avances em Psicologia Latinoamericana*, 32(1), 89–101. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6193>
- Barbosa, P. V., Neumann, A. P., Alves, C. F., Teixeira, M. A. P., & Wagner, A. (2017). Autonomia, responsividade/exigência e legitimidade da autoridade parental: Perspectiva de pais e adolescentes. *Psico-USF*, 22, 2–334. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220103>
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37(4), 887–907. <https://doi.org/10.2307/1126611>
- Benchaya, M. C., Bisch, N. K., Moreira, T. C., Ferigolo, M., & Barros, H. M. (2011). Pais não autoritativos e o impacto no uso de drogas: A percepção dos filhos adolescentes. *Jornal de Pediatria*, 87, 238–244. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572011000300010>
- Bermudez, B. E. B., Minetto, F., & Bermudez, M. B. (2014). Estilo parental, filhos adolescentes e transplante hepático. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 339–348. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2014.n1.v1.379>
- Block, J. H. (1981). The child-rearing practices report (CRPR): A set of items for the description of parental socialization attitudes and values. *Institute of Human Development, University of California, Berkeley*.
- Boeckel, M. G., & Sarriera, J.C. (2005). Análise fatorial do Questionário de Estilos Parentais (PAQ) em uma amostra de adultos jovens universitários. *Psico-USF*, 10, 01–09. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712005000100002>
- Boeckel, M. G., & Sarriera, J. C. (2006). Estilos parentais, estilos atribucionais e bem-estar psicológico em jovens universitários. *Journal of Human Growth and Development*, 16(3), 53–65.
- Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: Compreendendo o inter jogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, 17–33. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.44615>
- Bonett, D. G., Wright, T. A. (2015). Cronbach's alpha reliability: Interval estimation, hypothesis testing, and sample size planning. *Journal Organ Behavior*, 36(1), 3–15. <https://doi.org/10.1002/job.1960>
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Cross-cultural adaptation and validation of psychological instruments: some considerations. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22, 423–432. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000300014>
- Buri, J. R. (1991). Parental authority questionnaire. *Journal of personality assessment*, 57(1), 110–119. [https://doi.org/10.1207/s15327752jpa5701\\_13](https://doi.org/10.1207/s15327752jpa5701_13)
- Canavarro, M. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: Estudos psicométricos. *Psychologica*, 16, 5–18.
- Cassep-Borges, V., Balbinotti, M. A. A. & Teodoro, M. L. M. (2010). Tradução e validação de conteúdo: Uma proposta para a adaptação de instrumentos. Em L. Pasquali e cols., *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas* (pp. 506–520). Artmed.
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigências: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 465–473.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487–496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Dias, A. Y. M. S., & Weber, L. N. D. (2018). Estilos parentais, satisfação conjugal e ajustamento diádico: Um estudo exploratório. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 3(1), 325–334. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2018.n1.v3.1289>
- Domingues, A. E., Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2011). Drug use and perceived parental styles in adolescence. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 4(1), 03–11.
- Fonsêca, P. N. D., Andrade, P. O. D., Santos, J. L. F. D., Cunha, J. E. M., & Albuquerque, J. H. D. A. (2014). Hábitos de estudo e estilos parentais: Estudo correlacional. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18, 337–345. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182755>
- Galindo, E. M. C., & Carvalho, A. M. P. (2018). Validação da versão adaptada do Parent Perception Inventory - PPI em crianças brasileiras de 7 a 12 anos. *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 20(2), 164–178. <https://doi.org/10.30715/doxa.v20i2.11602>
- Gomide, P. I. C., & Traple, R. X. S. (2022). Instrumentos nacionais de avaliação de práticas parentais: uma revisão da literatura. *Psicologia Argumento*, 40(109), 1776–1796. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolarqum.40.109.A006>
- Grant, M. J., & Booth, A. (2009). A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information & Libraries Journal*, 26(2), 91–108. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x>

- Hazzard, A., Christensen, A., & Margolin, G. (1983). Children's perceptions of parental behaviors. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 11(1), 49–59. <https://doi.org/10.1007/BF00912177>
- Hoffman, M. L. (1975). Moral Internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11(2), 228–239. <https://doi.org/10.1037/h0076463>
- Hutz, C. S., & Bardagir, M. P. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: A influência dos estilos parentais. *Psico-USF*, 11(1), 65–73.
- International Test Commission. (2017). *Diretrizes para o uso de testes*. Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica.
- Kobarg, A. P. R., Vieira, V., & Vieira, M. L. (2010). Validação da Escala de Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU). *Avaliação psicológica*, 9(1), 77–85.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child development*, 62(5), 1049–1065. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1991.tb01588.x>
- Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Minetto, M. F. J., & Vieira, M. L. (2010). Práticas parentais: Uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(1), 119–134.
- MacCoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em E. M. Hetherington (Org.), P. H. Mussen (Org. Série), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (4ª ed., pp. 1–101). Wiley.
- Magalhães, M. D. O., Alvarenga, P., & Teixeira, M. A. P. (2012). Relationship between parenting styles, goal instability and career indecision with adolescents. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(1), 15–25.
- Martínez, I., García, J. F., Camino, L., & Camino, C. P. D. S. (2011). Socialização parental: Adaptação ao Brasil da escala ESPA29. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24, 640–647. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000400003>
- Martins, R. P. M. P., Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Manfro, E. C., Vieira, M. L., & Rubin, K. H. (2014). Práticas parentais: Associações com desempenho escolar e habilidades sociais. *Psicologia Argumento*, 32(78), 89–100. <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.32.078.A004>
- Mayer, A. P. F., Weber, L. N. D., & Ton, C. T. (2014). Perfis parentais com base nas práticas educativas e alimentares: Análises por agrupamento. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 15(3), 684–698. <http://dx.doi.org/10.15309/14psd150310>
- Minetto, M. de F., & Cruz, B. A. C. (2018). Práticas educativas parentais: Autonomia e expressão de afeto. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 155–164. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2018.n1.v1.1181>
- Minetto, M. D. F., Crepaldi, M. A., Bigras, M., & Moreira, L. C. (2012). Práticas educativas e estresse parental de pais de crianças pequenas com desenvolvimento típico e atípico. *Educar em Revista*, 43, 117–132. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000100009>
- Minetto, M. F., Crepaldi, M. A., & Martins, M. (2013). Particularidades de famílias que tem filhos com deficiência intelectual. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 75–83.
- Mizoguchi, M. V., Balbim, G. M., & Vieira, L. F. (2013). Estilo parental, motivação e satisfação de atletas de beisebol: Um estudo correlacional. *Revista da Educação Física/UEM*, 24, 215–223. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v24.2.16282>
- Moraes, R., Camino, C., Costa, J. B. D., Camino, L., & Cruz, L. (2007). Socialização parental e valores: Um estudo com adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20, 167–177. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000100021>
- Mosmann, C. P., Costa, C. B. D., Einsfeld, P., Silva, A. G. M. D., & Koch, C. (2017). Conjugalidade, parentalidade e coparentalidade: Associações com sintomas externalizantes e internalizantes em crianças e adolescentes. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34, 487–498. <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000400005>
- Murgo, C. S., Barros, L. D. O., & Sena, B. C. S. (2018). Associações entre estilos parentais, interesses e indecisão profissional em estudantes do Ensino Médio. *Psico-USF*, 23, 693–703. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230409>
- Musitu, G., & García, J. F. (2001). ESPA29: Escala de socialización parental en la adolescencia. *TEA ediciones*.
- Nogueira, I. T. C. (1988). Atitudes maternas: Estudo do PARI (Parental Attitude Research Instrument) em amostra brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 40(2), 48–62.
- Noronha, A. P. P., & Batista, H. H. V. (2017). Escala de forças e estilos parentais: Estudo correlacional. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8(2), 2–19.
- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., & Vieira, M. L. (2013a). Attachment and parental practices as predictors of behavioral disorders in boys and girls. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 23, 369–378. <https://doi.org/10.1590/1982-43272356201311>
- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Vieira, M. L., & Rubin, K. H. (2013b). Externalizing and internalizing problems: Contributions of attachment and parental practices. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, 617–625. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000300022>

- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Vieira, M. L., de Macedo Lisboa, C. S., & Rubin, K. H. (2015). Relação entre práticas parentais e problemas de externalização e internalização: Papel mediador do vínculo do apego. *Interação em Psicologia*, 19(3), 371–383. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v19i3.32371>
- Oliveira, E. A., Frizzo, G. B., & Marin, A. H. (2000). Atitudes maternas diferenciais para com meninos e meninas de quatro e cinco anos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 363–371. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300005>
- Oliveira, E. A. D., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravanello, T., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 1–11. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000100002>
- Oliveira, T. D., Costa, D. D. S., Albuquerque, M. R., Malloy-Diniz, L. F., Miranda, D. M., & de Paula, J. J. (2018). Cross-cultural adaptation, validity, and reliability of the Parenting Styles and Dimensions Questionnaire–Short Version (PSDQ) for use in Brazil. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 40, 410–419. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2017-2314>
- Pacheco, J. T. B., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 117–126. <https://doi.org/10.1590/S0102-37721999000200004>
- Pacheco, J. T. B., Silveira, L. M., & de Schneider, A. M. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: Análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39(1), 66–73.
- Patias, N. D., Debon, C., Zanin, S. C. G., & Siqueira, A. C. (2018). Como os pais têm educado seus filhos? Percepção de adolescentes sobre responsividade e exigência parental. *Psico-USF*, 23(4), 643–652. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230405>
- Pereira, E. C., Ambiel, R. A. M., & Barros, L. O. (2017). Escala de congruência entre pais e filhos sobre escolha profissional: Adaptação e propriedades psicométricas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 18(2), 221–231. <http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2017v18n2p221>
- Perris, C., Jacobsson, L., Lindstrom H, von Knorring L, & Perris H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatr Scand*, 61, 265–74. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.1980.tb00581.x>
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *Psico (Porto Alegre)*, 38(3), 292–299.
- Reppold, C., & Hutz, C. S. (2003). Prevalência de indicadores de depressão entre adolescentes no Rio Grande do Sul. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 2(2), 175–184.
- Rickel, A. U., & Biasatti, L. L. (1982). Modification of the block child rearing practices report. *Journal of Clinical Psychology*, 38(1), 129–134. [https://doi.org/10.1002/1097-4679\(198201\)38:1<129::AID-JCLP2270380120>3.0.CO;2-3](https://doi.org/10.1002/1097-4679(198201)38:1<129::AID-JCLP2270380120>3.0.CO;2-3)
- RinHEL-Silva, C. M., Constantino, E. P., & Rondini, C. A. (2012). Família, adolescência e estilos parentais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29, 221–230. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000200008>
- Robinson, C. C., Mandlenco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (2001). The parenting styles and dimensions questionnaire (PSDQ). *Handbook of family measurement techniques*, 3, 319–321. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528210>
- Rocha, T. M. A., & Gurgel, P. R. H. (2018). Práticas parentais e análise do comportamento: O estado do conhecimento de teses e dissertações de 2010 a 2015. *Série-Estudos*, 23(47), 241–262. <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v23i47.1084>
- Ruzzi-Pereira, A., & Santos, J. L. F. (2012). Doença mental materna, estilos parentais e suporte social: Estudo das concepções de mães e adolescentes no interior de São Paulo. *Journal of Human Growth and Development*, 22(1), 73–80. <https://doi.org/10.7322/jhgd.20053>
- Schaefer, E. S. & Bell, R. Q. (1958). Development of a parental attitude research instrument. *Child Development*, 29, 339–360.
- Souza, J., & Crepaldi, M.A. (2019). Emotional and behavioral problems of children: Association between family functioning, coparenting and marital relationship. *Acta Colombiana de Psicología*, 22(1), 69–81. <http://www.dx.doi.org/10.14718/ACP.2019.22.1.5>
- Tatsch, D. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2003). Estilos parentais na percepção dos adolescentes de comunidades ítalo e teuto-gaúchas. *Mudanças*, 34(2), 389–406. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528121>
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 3(1), 1–12.
- Teixeira, M. A. P., & Lopes, F. M. (2005). Relações entre estilos parentais e valores humanos: Um estudo exploratório com estudantes universitários. *Aletheia*, (22), 51–62.
- Teixeira, M. A. P., Oliveira, A. M., & Wottrich, S. H. (2006). Escalas de Práticas Parentais (EPP): Avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 433–441. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300012>

- Terres-Trindade, M., & Mosmann, C. P. (2015). Discriminate profile of young Internet dependents: The role of family relationships. *Paidéia*, 25, 353–361. <https://doi.org/10.1590/1982-43272562201509>
- Terres-Trindade, M., & Mosmann, C. P. (2016). Conflitos familiares e práticas educativas parentais como preditores de dependência de internet. *Psico-USF*, 21, 623–633. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210315>
- Tondowski, C. S., Bedendo, A., Zuquetto, C., Locatelli, D. P., Opaley, E. S., & Noto, A. R. (2015). Estilos parentais como fator de proteção ao consumo de tabaco entre adolescentes brasileiros. *Cadernos de Saúde Pública*, 31, 2514–2522. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00168614>
- Ventura, C. D., & Noronha, A. P. P. (2014). Autoeficácia para escolha profissional, suporte familiar e estilos parentais em adolescentes. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 13(3), 317–324.
- Weber, L. N. D. (2017). Relações entre práticas educativas parentais percebidas e a autoestima, sinais de depressão e uso de substâncias por adolescentes. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 157–167. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.928>
- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003a). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8, 71–79. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000100010>
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003b). Avaliação da validade do questionário de estilo de atribuição para crianças (CASQ). *Psicologia Escolar e Educacional*, 7, 161–170. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572003000200006>
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17, 323–331. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300005>
- Weber, L. N. D., & Ton, C. T. (2011). Práticas educativas maternas e habilidades sociais de jovens brasileiros. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 399–408.
- Werlang, B. S. G., Villemor-Amaral, A. E. & Nascimento, R. S. G. F. (2010). Avaliação psicológica, testes e possibilidades de uso. Em Conselho Federal de Psicologia. (Org.), *Avaliação psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão* (pp. 87–100). Conselho Federal de Psicologia.

Recebido em: 04/07/2022

Primeira decisão editorial em: 29/10/2023

Aceito em: 30/10/2023